

ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NA FALA E NA ESCRITA: ANÁLISE EM TEXTOS DE ESTUDANTES DA SÉRIE FINAL DO ENSINO MÉDIO

Sinval Araújo de Medeiros Jr.²⁸
(UESB)

Telma Moreira Vianna Magalhães**
(UESB)

RESUMO:

Nas escolas brasileiras, confrontam-se as modalidades lingüísticas dos estudantes e a orientação das gramáticas normativas. Entre os aspectos que distinguem essas variedades, estão as construções relativas. Neste artigo, contrapõem-se tais estruturas na prescrição dos manuais tradicionais, nas descrições do português brasileiro que as pesquisas lingüísticas têm feito e no uso de estudantes de ensino médio de uma escola particular de Vitória da Conquista. Apesar das diferenças entre a língua dos alunos e a prescrição gramatical – mormente na fala –, verifica-se certa interferência da escolarização (principalmente, nas situações de produção escrita), que pode recuperar algumas estruturas.

PALAVRAS-CHAVE: Construções relativas. Ensino de português. Gramática.

INTRODUÇÃO

Uma breve consulta à legislação educacional brasileira revela que, para o Ensino Médio, as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais preconizam que “o respeito à diversidade é o principal eixo” a ser seguido (BRASIL, 1999, p. 123). No ambiente escolar, tal diversidade torna-se especialmente perceptível quando se trata do ensino de língua portuguesa, cujo papel “como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania” deve ser destacado (BRASIL, 1999, p. 46).

²⁸ Aluno do Curso de Especialização em Lingüística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

** Orientadora. Doutora em Lingüística pela Unicamp.

Essa afirmativa revela-se extremamente pertinente ao considerar-se que o Português Brasileiro (PB) possui, conforme têm apontado as mais diversas pesquisas lingüísticas, características bastante peculiares que o distinguem da modalidade falada em Portugal. Além disso, o PB apresenta aspectos que apontam para a existência de modalidades distintas, associadas tanto a fatores puramente intralingüísticos quanto a extralingüísticos. Por isso, nas escolas, a diversidade de natureza lingüística é significativamente manifesta: estudantes com dialetos sociais e geográficos distintos convivem com um ensino que, apesar do que estipula a legislação educacional, requer que eles tenham que comunicar-se, acessar o conhecimento e exercer a cidadania por meio de um código lingüístico cuja estrutura não reflete seus usos, já que

a Escola tem tomado como padrão para o ensino do português a Gramática Normativa, que, neste século, se deslusitanizou, mas que está longe de refletir o padrão nacional falado, e mantém muitas divergências do padrão brasileiro escrito (SILVA, 1994, p. 77).

Dentre as várias estruturas lingüísticas em que se verifica um distanciamento expressivo entre os usos do PB e a orientação das gramáticas tradicionais normativas (GT), estão as construções relativas (ou, como denomina a GT, as orações subordinadas adjetivas), tema desenvolvido no presente estudo.

MATERIAL E MÉTODOS

Neste trabalho, analisam-se as estratégias de relativização encontradas em textos orais e escritos de estudantes da terceira série do Ensino Médio de uma escola particular, em Vitória da Conquista/BA, visando a detectar como são articuladas as construções relativas na fala e na escrita, o elenco dos pronomes relativos empregados nessas construções, a existência de diferentes estratégias

de relativização de acordo com a modalidade de uso da língua e a percepção dos alunos às diferentes estratégias de relativização constatadas no PB. Optou-se por coletarem-se dados de alunos do autor desta pesquisa, a fim de tornar-se a interação – e conseqüente produção lingüística – menos sujeita à introversão.

Inicialmente, os dados da fala foram registrados em entrevistas individuais, sendo solicitado aos estudantes que fizessem relatos acerca de viagens, de experiências em que eles ou alguém próximo houvessem sido vítimas de violência e/ou criminalidade e do conteúdo de livros e/ou filmes de que tenham gostado. Em seguida, pediu-se-lhes que fizessem, por escrito, uma narrativa da experiência pessoal e outra do conteúdo de obra. Em outro momento, foi-lhes apresentado um grupo de sentenças, a maioria produzida por eles mesmos, contendo orações relativas construídas tanto de acordo com a GT quanto por ela condenadas, a fim de verificar o nível de aceitabilidade das diferentes construções e, quando não aceitas, os comentários e sugestões feitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As construções relativas, na GT, são abordadas tanto nas seções destinadas a tratar dos pronomes relativos quanto naquelas em que se apresentam as orações subordinadas adjetivas. Nas treze gramáticas consultadas, são unânimes as afirmações de que orações adjetivas têm valor de adjetivo (por isso, funcionam como adjunto adnominal) e de que os pronomes relativos desempenham uma função sintática, além de terem papel anafórico. Há discordância no elenco desses pronomes e, também, na possibilidade de haver oração adjetiva sem antecedente para o relativo, além de serem raros os comentários sobre o PB contemporâneo.

As pesquisas lingüísticas, por sua vez, têm demonstrado que os falantes do PB nem sempre seguem as orientações da GT. Silva (1995, p. 79) destaca o fato de que “os professores que assumem a tarefa de

literalizar o país, hoje, na sua grande maioria” são oriundos de classes sociais cujos dialetos não são, necessariamente, reconhecidos como cultos. Além disso, “hoje há um número significativo de professores que, certamente, não dominam o padrão preconizado pela escola” (SILVA, 1995, p. 53). Verifica-se, no PB, a existência de estratégias distintas para a relativização: a relativa padrão, as construções cortadora e com resumptivo (cf. TARALLO, 1996, KATO, 1996, PERRONI 2001, CORRÊA 1999a e 1999b). Tarallo (1996) propõe ainda que, devido à ambigüidade da estrutura das relativas de sujeito e objeto direto, haveria, para essas posições, uma relativa com lacuna, similar à relativa padrão.

Nas orações em que o elemento relativizado é um sintagma preposicionado, a relativa padrão corresponde a 35,2% das construções (19,7% na fala; 66,7% na escrita), a estratégia cortadora corresponde a 62,6% do total (78,1% na fala; 33,3% na escrita), e a com resumptivo a 2,2% (somente na fala). Nas relativas em que o elemento relativizado não é preposicionado, a estratégia com resumptivo apareceu em 3% das ocorrências, todas na fala; as demais construções coincidem com a relativa padrão.

O pronome relativo majoritariamente empregado é QUE: 97% das construções relativas no texto oral e 82% no texto escrito são feitas com esse pronome, tanto na estratégia padrão de relativização quanto nas estratégias não-padrão. O relativo ONDE também é encontrado na fala e na escrita, e os relativos COMO e CUJO são verificados na escrita.

A atividade metalingüística revelou que, se por um lado, relativas construídas com a estratégia padrão em estruturas mais complexas nem sempre são consideradas boas pelos alunos, por outro, estruturas com relativas sem antecedente e com preposição órfã são, muitas vezes, bem aceitas. Construções com resumptivo normalmente não são bem recebidas. As relativas cortadoras parecem ser as mais instáveis quanto à aceitabilidade.

CONCLUSÕES

O “embate” entre as modalidades de língua ao qual estão submetidos os estudantes, no Brasil, acaba por fornecer dados interessantes a respeito da influência de uma modalidade sobre a outra e, principalmente, do papel da escolarização. Por um lado, verificam-se, na escrita, estratégias de relativização que espelham a fala. Por outro, a escrita acaba por influenciar a produção oral de falantes escolarizados, ainda que não espelhe uma fala inconsciente decorrente do processo natural de aquisição da língua. Ambos as situações foram verificadas nos dados analisados.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- CORRÊA, V.R. Aprendendo a relativa padrão na escola. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, 36, p. 71-83, 1999a.
- CORRÊA, V.R. Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil. **Sínteses - Revista dos Cursos de Pós-Graduação**, 4, p. 87-100, 1999b.
- KATO, M.A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 223-261.
- PERRONI, M.C. As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. **D.E.L.T.A.**, 17:1, p. 59-79, 2001.
- SILVA, M.B. A escola, a gramática e a norma. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, Lisboa, 12, p. 75-81, 1994.
- SILVA, R.V.M. **Contradições no ensino de português. A língua que se fala X a língua que se ensina**. São Paulo: Contexto; Salvador: Edufba, 1995.
- TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (orgs.). In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 69-105.